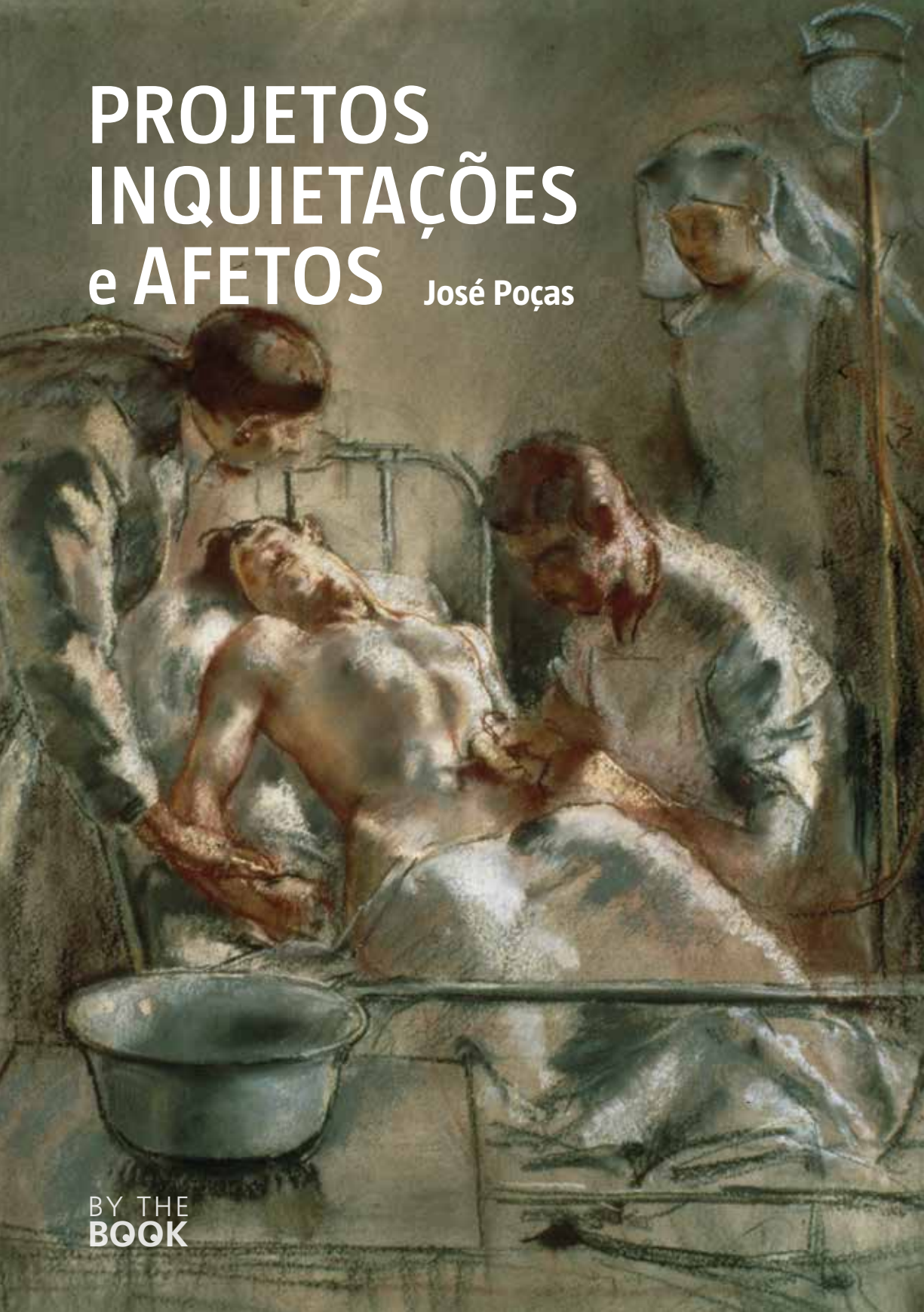


PROJETOS INQUIETAÇÕES e AFETOS

José Poças



BY THE
BOOK

7	Agradecimentos
9	Dedicatórias
15	Prefácio ANA RIAS
21	Preâmbulo: O que é este livro
26	A RELAÇÃO MÉDICO-DOENTE E O ATO MÉDICO NA HISTÓRIA DA MEDICINA ATRAVÉS DA PINTURA E DE ALGUNS QUADROS E DE CITAÇÕES COMENTADAS E ILUSTRADAS
206	PROJETOS
278	INQUIETAÇÕES
327	AFETOS
398	Epílogo: O Sentido do Viver
441	Posfácio VALENTE FERNANDES

Agradecimentos

À Editora BytheBook, à revisora do texto, Isabel Costa, e à Grafisol, pela competência inexcelável do seu trabalho. A todos os elementos das Mesas de Apresentação pela enorme gentileza do seu gesto. À Ordem dos Médicos (Bastonário, Concelhos Regionais de Lisboa, Coimbra e do Porto, e Concelho Distrital de Setúbal) pela disponibilidade desinteressada. À Câmara Municipal de Setúbal (CMS) pela imprescindível colaboração logística, esperando que este livro contribua para concretizar(mos) o ousado repto de iniciar o Processo de Candidatura de Setúbal a Capital da Cultura de Portugal que aqui proponho, dando seguimento à edificação dos Museus que apresento em forma de esboço. Aos autores dos textos (Prefácio, Posfácio, Badanas e Contracapa) pela amizade e a cumplicidade demonstradas para com o autor e a mensagem do livro. Aos leitores, porque o gesto de o lerem representa desde logo uma vontade de abraçar causas de que a Humanidade está enormemente carenciada. Aos autores das ilustrações que só conheço de nome e de contemplar o seu génio criativo em livros ou em museus, porque embora certamente jamais imaginassem vir a ser algum dia cúmplices involuntários do que agora dou à estampa, complementam os textos de uma forma muito mais conseguida do que seria possível obter utilizando apenas a escrita. Um aspeto, contudo, merece destaque. É que uma coisa é ter conhecimento de uma determinada realidade. Outra, bem diferente, é ser testemunha presencial. E isso faz toda a diferença, como adiante se verá.



Gaseados e Feridos, 1918, Eric Kennington



Treino Militar com Máscaras de Gás, 1944, Molly Lamb Bobak

Dedicatórias

À Ana, minha esposa, companheira de mais de meio século, por ter comigo partilhado dos mesmos Projetos, Inquietações e Afetos. Igualmente por ser uma Médica de Família e uma Terapeuta Familiar de excecional dedicação e competência, possuindo a mesma visão do Ato Médico e da Relação Médico-Doente que tenho e que está espelhada em todos os meus livros, postura que foi solidificada neste longo caminho a dois, tendo-se iniciado logo desde os tempos da Faculdade em que passamos longas horas a estudar lado-a-lado tentando imaginar o nosso futuro, algo que perdura até hoje. Que as mensagens deste livro, para o qual deu um contributo ainda que indireto, mas nem por isso menos decisivo, consigam ser a materialização da herança de valores que pretendo(emos) deixar aos meus(nossos) filhos (Joana e João) e netos (Simão, Alice e Elora).

Também às minhas primas Ester, Isabel e Claudia pela forma tão terna e determinada como souberam estar presentes em corpo e espírito, a apoiar os últimos dias de vida do meu querido e saudoso primo-irmão Mário, seu esposo e pai, de todos nós, de longe, o de melhor feitio. Com ele contracenei numa peça de teatro improvisado e completamente louca, onde fomos os protagonistas involuntários de tão inesquecível iniciativa que recordávamos amiúde com muita alegria e que está registada em vídeo. Jamais esquecerei os inúmeros e prolongados telefonemas que tive com a Ester e a Isabel, mas sobretudo com a Claudia (estas últimas médicas, a primeira estomatologista, a segunda ginecologista e obstetra) acerca de como encarar o fim de vida de alguém afetivamente tão significativo. Algo idêntico já tinham feito antes com a sua avó paterna, acamada durante anos com uma síndrome demencial progressiva, atitude que me sensibilizou muito era eu ainda um jovem médico. Presentemente, a Ester é uma atriz de teatro amador e a família, com numerosa prole, vive tão unida e feliz como sempre tinham feito em vida do meu primo, o que é a melhor homenagem que lhe podem prestar. Dele nos recordamos sempre que nos juntamos com o mesmo espírito de irmandade indestrutível que herdamos da nossa avó Lucinda. Algo que abordo nos dois últimos textos que escrevi para este livro.

À minha afilhada Diana, enfermeira de profissão, porque nunca desistiu de procurar a felicidade no meio de um turbilhão enorme e quase infindável de dolorosos revezes, bem como de realizar o seu eterno sonho de poder vir a ser um dia

Mãe, já na quinta década de vida. A sua determinação em continuar munida de uma esperança inquebrantável, foi o antídoto que possibilitou nunca ter soçobrado.

Por fim, ao meu querido colega, amigo e mentor, Barros Veloso, que recentemente me deixou órfão de cavaqueiras tão calorosas e inspiradoras, quase sempre realizadas à volta de uma mesa de refeições nos mais variados sítios, quero também deixar um agradecimento muito especial. Desde o meu primeiro livro que era, invariavelmente, uma presença obrigatória nas cerimónias de lançamento, tal como o seria deste também, não fora o seu recente falecimento. Escreveu para os mesmos vários textos, sendo também convidado a estar presente nas Jornadas Médicas a que presidi, enquanto Diretor do Serviço de Doenças Infecciosas do Hospital de Setúbal. Nas derradeiras que realizei e que foram sobre “Coína”, foi Presidente Honorário em parceria com os colegas Rui Proença e David Morais. Evento e livro que me disse ter apreciado muito, pois, aí se fez uma síntese possível entre a Medicina e a História, áreas do saber que cultivava com a incomparável mestria do seu espírito verdadeiramente renascentista. Ao contrário de outras oportunidades, e foram muitas, em que também o convidei para tocar piano ou assisti aos seus concertos, sempre muito bem acompanhado por diversos músicos de jazz, alguns desses memoráveis momentos registados para a posteridade em DVD e CD, na última noite do referido Simpósio, ainda o levei ao Clube de Jazz do Barreiro para ver se tocava algo, uma vez que me disse que lhe havia despertado uma súbita vontade depois do jantar, o que se revelou ser infelizmente impossível. Essa era uma noite dedicada ao *rock*, disseram-nos à entrada, havendo uma banda a tocar ao vivo e o piano estava arrumado no fundo da sala, pelo que se gorou ingloriamente aquela que teria sido a sua última atuação ao vivo. Algo que nenhum de nós conseguiu antecipar. E ainda bem.

A Ana, os meus filhos, muitos elementos da minha família e amigos adoravam ouvi-lo tocar e conversar com ele. Os meus netos irão certamente conhecê-lo através das conversas que se venham a proporcionar, bem como pela música em CD e DVD em que intervieio, a par da leitura dos livros que publicou. A sua sensibilidade para a arte era imensa e num dos muitos almoços que tivemos num restaurante perto de sua casa, a comer uma refeição de lampreia que tanto apreciamos, e que por duas vezes o convidei depois para vir à minha casa comê-la, mas confeccionada por mim, sabendo que ilustro sempre os meus livros com pintura alusiva aos textos, tal como neste também, disse-me então que gostaria de um dia poder vir a fazer um livro comigo que abordasse essa temática, folheando entusiasmado os livros que levava com as pinturas da Revista “JAMA”, uma das mais internacio-

nalmente conceituadas e que tem esse salutar e inspirador hábito desde sempre. Algo que nunca se concretizará, com muita pena minha.

Como sou um melómano e um colecionador incorrigível, escrevo sempre a ouvir música. Acontece que, penso que por pura coincidência, tinha recentemente recebido uma grande encomenda de CD proveniente dos EUA e de Inglaterra, a que se juntaram uns quantos, comprados em Portugal e em Bruxelas. Dos que ouvi, enquanto escrevia este livro, os seguintes abordam temáticas conexas ao que desenvolvo em alguns dos meus textos e, estou certo, que poderão motivar os leitores a fazerem-no também enquanto o leem. Certamente que os apreciarão tanto quanto eu. Assim: “Hope” de Nuno Corte-Real com o *Ensemble Darcos* e os membros do Instituto de Música Afegã residentes em Portugal; “Pour-Afrigha” de Saeid Shanbehzadeh; “Fiat Lux” do Grupo Coral Olissipo; “Peace” do dueto composto por George Robert e Kenny Barron; “D-Day” de Monty Alexander; “WTC 9/11” de Steve Reich pelo *Kronos Quartet*.

Para além da qualidade e da beleza das composições e das interpretações em si, deve realçar-se o seguinte: Os dois primeiros representam a Esperança que se pode encontrar quando se mesclam harmoniosamente tradições musicais tão diferentes no mais profundo respeito mútuo, como no caso do que foi concebido pelo maestro e compositor português, ou quando, como no caso do músico iraniano, descendente de escravos da África Oriental continental e de Zanzibar (que um dia visitei), perseguido no País onde se fixaram os seus antepassados, veio finalmente a encontrar na Europa as condições para exprimir livremente a sua criatividade; os dois seguintes, da autoria respetivamente de um grupo coral português e de um duo composto por um grande saxofonista suíço e por um conceituadíssimo pianista de jazz norte-americano, abordam de forma sublime a Paz que nunca deveria deixar de reinar entre os povos e os cidadãos desta aldeia global, o que contrasta com o que vemos diariamente; os dois últimos tratam da Guerra, sendo o do pianista de jazz jamaicano em memória do Dia-D, data do seu próprio nascimento, e o último, da autoria de um dos compositores que é um verdadeiro expoente da música clássica contemporânea norte-americana e interpretada por um dos mais famosos quartetos de cordas de todo o Mundo, alusiva a um dos dias mais traumatizantes da história recente daquela grande Nação. Para ouvir com atenção e meditar profundamente, na senda do que respondeu o grande Duke Ellington a um jornalista, ao declarar que só conhecia dois tipos de música: “A boa e a má”. Algo a que o ecletismo do meu amigo Barros Veloso sempre foi sensível, pois apreciava mutos estilos diferentes de música, embora, tal como eu, a sua preferida fosse o jazz.

Termino enviando um grande e afetuoso abraço cá deste Mundo em franca desagregação a quem dedico este livro bem como aos que são referidos nos Agradecimentos e nos Textos. Foi escrito com um misto de amargura e de esperança, conforme as ilustrações que escolhi o comprovam, ao pensar no que foi exemplarmente escrito pelo filósofo e escritor francês Paul Valéri: “O problema do nosso tempo é que o futuro não é o que costumava ser”, que permanece completamente atual e se aplica ao momento trágico que a Humanidade vive presentemente. Tal como o Papa Leão XIV o confirma ao ter dito recentemente: “Acostumamo-nos à violência, resignamo-nos e tornamo-nos indiferentes”. Este livro, entre outras coisas, é, pois, um grito de alerta que anseio que consiga ecoar com estrondo nas consciências de quem o vier a ler.



A Enfermeira, o Soldado Ferido e uma Criança,
1915, William Hatherell

O Posto de Socorros da Gare de Poitiers, 1914,
Henri Gervex

Imagens da I Guerra Mundial, 1914,
Marie Martinkova



Prefácio

ANA RIAS

Docente Universitária aposentada da Universidade
Católica de Lisboa; Doutorada em História



Gaseados, 1919,
John Singer Sargent



Soldado Gaseado, 1919,
Gilbert Rogers

Em Portugal não é comum encontrarmos autobiografias o que nos priva de conhecer o que pensam, sentem, vivenciam personagens que podem ser oriundas de várias áreas desde a política à arte, passando por um sem número de actividades, e a nossa história faz-se deste somatório de actos, factos e de olhares que ajudam na compreensão do presente.

Ora, José Poças quebra essa regra e abre o seu coração partilhando memórias que nos levam aos mais longínquos lugares ou a espaços onde se podem viver momentos dolorosos, dramáticos ou de grandes alegrias como ocorrem nos hospitais, porque estamos a referir o médico que exerceu a sua profissão durante quarenta anos no Hospital de Setúbal.

O próprio autor, num dado passo, confessa que este livro é (provavelmente) uma autobiografia. “Creio não errar ao dizer que [...] todo o livro tem algo de autobiográfico.” (p. 398)

Não tenhamos dúvida. E em boa hora decidiu partilhar a sua imensa cultura, que abarca um vasto universo passando pela música, pintura, história da arte e até o património nacional e do mundo, revelando uma imensa curiosidade que o acompanha desde a mais tenra idade. Curiosidade aliada a um “olhar clínico” que capta os mais pequenos pormenores desde os eventos pícaros aos mais sublimes.

Para além dessa vertente, debruça-se sobre a área da medicina, da saúde, do serviço público, do SNS, e fá-lo com o saber de experiência feito, nunca hesitando em criticar veementemente as fragilidades com que se deparou e infelizmente não desapareceram. No entanto, nunca nos deparamos com denúncias vãs porque para todas apresenta sempre soluções, elencando medidas que visam fortalecer o sistema e proteger os cidadãos, em geral, mas, em particular, os mais vulneráveis.

E esta preocupação mostra-nos outra faceta de José Poças, o profundo humanismo que anima todas as suas ações, quer no domínio privado quer no público.

Olhemos para o quotidiano de médico. Os doentes que ocorrem ao Hospital de Setúbal e à consulta de infecciologia são diagnosticados e tratados com a mais elevada proficiência mas, e, convém relevar este facto, igualmente com redobrada atenção ao lado humano de quem precisa de uma palavra de alento, de um

gesto imbuído de verdadeiro interesse pelo misto de emoções experienciadas por aquele homem ou mulher que depositam no médico todas as esperanças. E, acreditem, daquele consultório não saem defraudados, mesmo que as notícias sejam difíceis de enfrentar.

José Poças é também exemplo para a geração de jovens colegas que incita para a realização de Jornadas Médicas que assumem um carácter inovador, porque são encontros com carácter multidisciplinar agregando especialistas em política *tout court* ou políticas ambientais, em sociologia, em história, em pintura, em fotografia, em literatura, enfim naquilo que remete para a famosa afirmação de Terêncio: “Homo sum, humani nihil a me alienum puto”, reactivada na Renascença, numa época em que o antropocentrismo se impôs ao teocentrismo e em que a dimensão do que era humano em todas as suas facetas ganhou estatuto dominante. O autor da presente obra teria convivido de pleno direito com este *zeitgeist*.

Olhemos para o quotidiano da Família e dos Amigos. O filho extremoso que nutre uma admiração sem limites pela Mãe que acompanha e protege sem se poupar a esforços, abdicando mesmo de se juntar aos filhos e netos em alturas especialmente festivas, como no Natal, e se a Mãe é alvo desta abnegação o mesmo é válido para os mais próximos e para os amigos que fazem parte da sua vida. Abnegação que não é sentida como tal por José Poças, é antes algo natural, inato à sua forma de ser e estar.

O gosto pelo convívio é o outro lado desta dedicação conhecida por todos com quem partilha os magníficos e lautos repastos, por ele preparados amorosamente, indo ao mercado de Setúbal pela madrugada para escolher o melhor peixe ou outros manjares que prepara, sem recorrer a receitas, porque, como gosta de declarar, nutre o prazer de inovar e de variar. O gosto pela comida levou-o até a convidar cozinheiros de nomeada para sua casa e para aí poderem comprovar a “mão para a culinária”.

Nestes repastos não podiam faltar os vinhos, os famosos néctares produzidos pelos Poças cuja nomeada já os fez chegar até ao Japão, para onde foram exportados, o que é referido com indisfarçável orgulho. No entanto, a diversidade é a marca da casa, isto é, desde o moscatel de Setúbal aos reputados tintos da adega Ermelinda a escolha é enorme.

As conversas prolongam-se tarde fora e não raro acabam com o jantar, porque o anfitrião cozinha contando com um número de convivas bem superior àquele que recebe. De que se conversa? De tudo, desde os acontecimentos que marcam o quotidiano aos episódios e histórias protagonizados pelos presentes em cenários diversos, embora com prevalência para os dos hospitais.

Detenhamo-nos então no presente livro.

Humanização, humanístico, humano são palavras que encapsulam uma marca distintiva que define José Poças e nele fica plasmado. O título elucida-nos igualmente sobre o autor que ousa expor-se para nos dar a conhecer *Projetos, Inquietações e Afetos*. Alerta-nos sobre as muitas inquietações que o afligem, uma delas sentida não só pelo médico, mas igualmente por professores, educadores, pais, psicólogos, ou seja, todos os que lidam com os mais jovens e a quem calhou viver nestes tempos singulares em que o digital se impôs de forma quase totalitária.

Não se trata, contudo, de condenar as novas tecnologias, muito especialmente a IA, que tão depressa, quase inopinadamente, se tornou onnipresente. Não, ela pode funcionar como auxiliar precioso desde que não se perca de vista que a IA está ao serviço do ser humano e não o contrário.

Outra vertente sobejamente explorada é, podemos afirmá-lo, a paixão pelas artes plásticas, em particular a pintura. “A pintura é um dos meus campos de deleite e por isso ilustro sempre os livros que tenho editado com obras que entendo apropriadas [faço-o] enquanto apreciador da estética, sobretudo naquilo que se relaciona com a história da medicina e a patobiografia dos respectivos criadores.” (pp. 10 e 335). Acrescente-se que o ADN do clínico fá-lo sentir-se atraído pelos pintores que escolheram temas associados à doença, ao sofrimento, à morte, ao papel do médico nessa relação tão intimista que se estabelece entre paciente e médico.

Não só de pintura se inspira José Poças. A literatura é um dos escritores portugueses, obrigado ao exílio, mas que nos legou obra de imenso valor e de deleite para quem a literatura é hábito quotidiano, como José Rodrigues Miguéis, em “O Homem que sorri à morte com meia cara”, é a fonte para sublinhar a responsabilidade do médico e do exercício constante de ser capaz de se colocar na pele doutro ou nas palavras do autor: “sabermos colocar-nos na posição do outro de forma a melhor nos compreendermos mutuamente.” (p.33).

Aliás a parte dedicada à relação médico-doente é pretexto para prestar homenagem aos grandes vultos da medicina portuguesa e os Comentários informados do autor deste livro dispensam mais considerações, a não ser a de recomendar a sua leitura.

Deste ângulo de análise passa a uma outra, bem criativa, em que nos põe em contacto com grandes vultos da história iniciando-se com Pasteur, passando a Malraux para culminar com um quadro da juventude de Picasso, “A Ciência e a Caridade”.

É bem expressiva esta última escolha, porque comumente o génio malaguenho é associado à fase que passou em Paris e muitos desconhecem a enorme qualidade e técnica destas primeiras pinturas. É, pois, o gosto pela partilha desinteressada que o move, na expectativa de cativar e de conquistar mais adesões.

Para alguém que vive o Presente com tanta intensidade, estranho seria não nos depararmos com um capítulo dedicado aos *Projetos* que fervilham numa mente tão inquieta e inquisitorial.

José Poças é neste domínio de uma versatilidade caleidoscópica. O primeiro que nos apresenta é sobre uma “Proposta de Programa Curricular” a ser ministrado no Instituto Superior de Ciências da Saúde (p.218), discriminando a estruturação geral do curso das disciplinas de Microbiologia e Infeciologia tal como estas deveriam ser ensinadas nos Hospitais de Setúbal “onde existe oficialmente, embora o seu quadro médico esteja em fase final de aprovação” (p.222), Almada, Barreiro, e encerrando com a proposta curricular que chega ao pormenor de identificar os sumários das aulas teóricas.

Já aludimos às Jornadas Pedagógicas que José Poças promoveu desde o tempo em que exerceu a sua especialidade no Hospital de Setúbal, concebidas com o desiderato de atrair e arregimentar os jovens médicos.

Estes encontros ganharam uma dimensão mais vasta sendo a oportunidade ideal para reflectir sobre “Microbiologia, Saúde Pública ou Medicina do Viajante” entre outros (p.237).

Em simultâneo são reuniões em que a Ética e as Políticas de Saúde são transversais a todos os assuntos tratados: “Realizar reuniões de debate, de reflexão e formativas sob a forma de Simpósio ou de outra índole afim acerca não só das referidas temáticas, mas igualmente sobre Ética ou acerca da Política de Saúde, sempre que considerado pertinente.” (p.237).

Neste âmbito a LACPEDI e a LAHSB (Liga dos Amigos do Hospital de S. Bernardo), ideado e concretizado por José Poças, apresentam-se como “muito mais do que organizações de médicos para médicos” (p.238), extravasando para todo o país, ou seja, não ficando confinadas a Setúbal e por fim a sua actuação embora centrada nas doenças infectocontagiosas não se eximirá a tratar de outros temas.

As Jornadas, tal como tive oportunidade de testemunhar, são eventos propícios para divulgar e aprofundar a história dos judeus portugueses que se distinguiram por essa Europa e pelo mundo com a sua arte de curar. A odisséia desses insígnies seguidores de Hipócrates é infelizmente pouco divulgada. Perguntemo-nos quantos sabem quem foi Amato Lusitano (1511-1568) ou Ribeiro Sanches (1699-1783) físico da czarina Catarina da Rússia e que, a pedido de D’Alembert e Diderot, foi o único português a integrar a famosa Enciclopédia da qual constam personagens como Voltaire, Diderot, ou seja, as mentes mais brilhantes dos finais do século XVIII.

O LACPEDI também dedicou a sua investigação e consequente divulgação à História da Medicina. Impedimentos de ordem burocrática, desafortunadamente

tão comuns no nosso país, inviabilizaram o nascimento de um Pavilhão que se denominaria Museu Português da Malária o que não fez esmorecer o empenho dos médicos que vinham explorando a natureza das doenças transmissíveis por vectores nas populações autóctones.

Mais uma vez, a persistência levou a que fossem projectados três espaços museológicos em Setúbal. Limitemo-nos a enunciar as suas designações para suscitar a curiosidade dos futuros leitores do presente livro. “As Pestes e a Intolerância Religiosa”, “Tratados Ibéricos” e “A pintura Naturalista e as Questões Ambientais”.

Existe um ditado português que se apropria ao que passaremos a descrever, *as conversas são como as cerejas*, eis o que ocorreu, pois este projecto conduziu a um outro que tem como protagonista Fernão Mendes Pinto que viu o fim dos seus dias numa quinta perto de Almada. Referimo-nos às relações e intercâmbio, estabelecidos desde o século XVI, entre Japoneses e Portugueses.

O imenso acervo encontrado nesta incursão conduziu a mais um *Desafio*, o de criar um Museu, intitulado provisoriamente, “Casa Museu Zeimoto ou Museu da Memória dos Contactos entre Portugal e o Japão” (p. 272). Sobre este desafio, que até contemplaria um jardim japonês, José Poças descreve com grande minúcia as várias etapas a considerar, chegando a enumerar o local onde seria edificado, Moinho da Maré do Zeimoto (p.275).

Aproveitar, potenciar, cuidar do riquíssimo património setubalense seria pretexto para outra “aventura”, candidatar a cidade de Bocage e Luísa Todi a Capital Portuguesa da Cultura.

Assim, e tendo presente o tão bem-sucedido exemplo da Expo 98, seria possível beneficiar de apoios financeiros que criassem as infra-estruturas e os interfaces para que Setúbal ganhasse o estatuto de cidade vocacionada para o turismo cultural, para o qual tem tantas valências.

Partindo deste *case study*, também o Barreiro tem condições propícias a justificar a atenção das autoridades responsáveis para caminhar e apostar no turismo de cariz cultural.

Muito mais poderíamos aduzir neste prefácio, mas nada substituiria a imprescindível leitura desta obra poliédrica que conduz os leitores por caminhos raramente navegados.



*Chegada de Feridos em Smol
na Macedónia, 1919,
Stanley Spencer*

*Enfermaria de um Hospital
Bombardeado, 1939,
Kathleen Guthrie*

Preâmbulo: O que é este livro

*Não existe meio mais seguro para fugir ao mundo do que a arte,
e não há forma mais segura de se unir a ele do que a arte*

JOHANN GOETHE

Escritor e filósofo germânico, 1749-1832

O maior perigo com que nos deparamos no futuro é a apatia

JANE GOODALL

Primatologista britânica, 1934-2025

O que me preocupa não é o grito dos maus, é o silêncio dos bons

MARTIN LUTHER KING

Pastor batista e ativista político, 1929-1968

Este não é um livro na aceção clássica usual, uma vez que não foi escrito de princípio ao fim com esse propósito. Consiste antes num conjunto de textos aos quais decidi dar posteriormente um corpo com uma coerência estrutural, esperando que assim seja percecionado pelos seus leitores. Tem textos que já foram escritos antes, embora não publicados, a par de outros que escrevi propositadamente, no sentido de o tornar o mais homogéneo possível e de lhe proporcionar um substrato necessário à compreensão cabal da mensagem que pretendo transmitir. Com o mesmo propósito, cada capítulo é precedido de um texto que faz a respetiva (e necessária) contextualização.

O título derivou do facto de ter tido uma solicitação que o autor de uma proposta de um Plano de Resposta Regional à problemática da terceira idade, atual diretor da Casa dos Professores de Setúbal, onde a minha mãe recentemente faleceu, doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela e futuro autor de um livro sobre a temática "Morte nas instituições residenciais", para o qual solicitou a minha colaboração, Paulo Lourenço, me fez, ao dizer para eu resumir numa curta frase o que para mim significaria envelhecer bem. Depois de pensar um pouco, disse-lhe que é ter "Projetos e Afetos". A que acrescentei, para o título

que decidi dar a este livro, “Inquietações”, como adiante ficará mais perceptível. Embora esteja dividido em capítulos, a verdade é que não existe estanquidade absoluta entre eles. Só mais tarde tive consciência de que afinal isto tinha-me possibilitado encontrar a pista para o nome do livro que tanto me andava a preocupar. Coincidências inexplicáveis da vida, tal como muitas que a seguir descreverei.

Na primeira parte, coloquei o trabalho que tinha feito para a ilustração do livro *A relação médico-doente: um contributo da Ordem dos Médicos* que coordenei e do qual fui editor e coautor. Foi em grande parte escrito no Ilhéu das Rolas, em S. Tomé, e visava dar uma contextualização das imagens escolhidas para a ilustração dos textos, para além da simples referência do nome e da data da obra, a par da identificação do seu autor. Como adiante explicarei, este foi um “Projeto” que na altura não se concretizou e que agora decidi publicar, constituindo o corpo principal do mesmo, ao qual fui agregando os restantes textos divididos por três capítulos.

No capítulo dos “Projetos”, incluí a Proposta de Programa Curricular da Disciplina de Doenças Infeciosas de um novo Curso de Medicina, para o qual fui convidado, bem como os Projetos de Museus em que ultimamente tenho estado empenhado. Se o primeiro pertence inteiramente ao passado e nunca será concretizado, gostaria muito que o mesmo não viesse a acontecer com os restantes.

No capítulo “Inquietações” apresento a minha perspetiva acerca do que para mim representa a evolução tecnológica e o que presentemente se passa no Mundo em termos dos conflitos bélicos, com enfoque no Médio Oriente, algo com que nos confrontamos a todo o instante pelo que vemos, ouvimos e lemos nos variados órgãos de comunicação social, realidade à qual não consigo ficar indiferente ou fingir que ignoro, tal como já o havia feito antes nos dois últimos livros relativamente, quer ao da Ucrânia, quer já ao do Médio Oriente, traçando um certo paralelismo entre aquelas duas realidades, onde todos clamam as suas próprias razões, mas nas quais, tal como em todos os outros ao longo da história da Humanidade, ninguém tem verdadeiramente TODA a RAZÃO.

No capítulo denominado de “Afetos” dou nota do que me interpelam os temas do Morrer e do Viver, bem como a importância das relações humanas no seio da família, servindo-me de pretexto algumas das viagens que fiz, bem como do falecimento recente de alguns familiares chegados que me marcaram muito.

Ao longo de diversos textos do livro conto algumas histórias verídicas, quer clínicas, quer de índole mais pessoal, porque sempre pensei que aos olhos de quem nos ouve, a força da mensagem que pretendemos transmitir não é suficientemente convincente se se resumir a fazer uma simples descrição dos bons princípios, mesmo que com facilidade expositiva. O contrário acontecerá se lhe acrescentarmos

o relato da nossa vivência concreta nos cenários em que os acontecimentos se passaram, elaborando depois as reflexões sobre tudo o que se passou.

Dou sempre como exemplo o seguinte: Como pode um prelado católico dissertar ou aconselhar alguém acerca da temática da sexualidade se é suposto não ter essa mesma experiência, ou, se a tiver (e penso que não será assim tão raro), ela ocorre em ambiente clandestino e o próprio está impedido de o assumir explicitamente? Do mesmo modo, considero quase incompreensível que alguém tenha certamente tido vivências que ocorreram durante a sua vida enquanto pessoa e profissional, e delas não ter guardado memória capaz de as fazer recordar!

Uma palavra acerca da ilustração. A da “Relação Médico-Doente” foi parcialmente publicada no mesmo referido livro da Ordem dos Médicos, ainda que sem todas as figuras que havia selecionado e sem qualquer comentário que as contextualizasse. O resto do livro é como que uma história das duas Guerras Mundiais através da pintura, para dar precisamente ênfase ao momento geopolítico atual que me causa uma apreensão profunda. A mesma filosofia já tinha utilizado nos restantes livros que já publiquei em nome próprio, pois, o *Reflexões em Tempos de Pandemia* faz como que uma história das doenças infecciosas através da pintura, o *Despedidas que Jamais Esquecerei*, uma história da tuberculose, e o último, *Sistema de Saúde: Ascensão, Apogeu e Queda*, uma história de medicina medieval e dos hospitais dessa época em Portugal.

A terminar, dizer a razão porque escolhi, de entre uma grande variedade de hipóteses, as da capa, da contracapa e a última de todas do corpo do livro. Henry Tonks, o autor da pintura que selecionei para a capa, foi um médico britânico que se distinguiu tanto como cirurgião e professor de anatomia, como enquanto pintor e professor da escola de belas artes. Abandonou a prática da medicina precisamente após a I Guerra Mundial, onde teve intensa atividade clínica, para se dedicar a partir daí exclusivamente à sua vocação artística. A pintura, para além da grande qualidade, é uma das primeiras representações pictóricas da utilização do soro, traduzindo bem uma realidade que eu mesmo vivenciei, embora em contexto muito diferente, quando tratei, durante cerca de quarenta anos, doentes em choque na sala de reanimação do hospital ou em cuidados intensivos. Ter a vida de alguém dependente da nossa capacidade de agir em segundos, muitas vezes em quase morte iminente ou com atroz sofrimento, é algo tão impactante na nossa sensibilidade interior que nunca o podemos esquecer, em especial quando o pico de *stress* do momento se esvai e fazemos uma resenha dos acontecimentos, como o exprimo em vários dos meus livros através de muitas das histórias clínicas que selecionei para constarem neles.

A pintura da contracapa não é alusiva a nenhuma daquelas duas guerras, mas antes, a uma outra que antecedeu a II Guerra Mundial, uma vez que a Guerra Civil de Espanha, ali retratada, terminou quando essa começou. É certamente uma das mais icónicas telas de todos os tempos, tendo-a contemplado recentemente no Museu Rainha Sofia em Madrid. O impacto da sua visualização é esmagador e faz referência a um dos seus mais dramáticos episódios, pois, o que aconteceu na povoação de Guernica, no País Basco, que visitei há alguns anos numa viagem que fiz acompanhado pela família Magalhães e que fizemos absoluta questão de o explicar aos nossos filhos, apesar de serem ainda pequenos, foi como que um prelúdio do que viria a ocorrer durante o conflito mundial que se lhe iria seguir, uma vez que esse massacre resultou da colaboração que a Alemanha Nazi de Hitler deu às forças militares do fascista Francisco Franco e que viria a determinar, em parte, a sua vitória nesse conflito fratricida. Inspirada na mesma, o meu amigo Eduardo Carqueijeiro fez uma pintura por minha solicitação para ser intitulada de “Tsunami Viral” para o meu livro *Reflexões em Tempos de Pandemia* que decidi voltar a colocar, embora desta vez, no separador do capítulo “Afetos” e na lombada.

O último quadro do livro, contudo, é o único que não faz referência explícita a nenhum conflito bélico. Escolhi-o, não por acaso, mas antes pelo seguinte: Em primeiro lugar, para fazer contraste com os anteriormente seleccionados, uma vez que, em vez da crueza e do dramatismo dos mesmos, transmite sobretudo beleza e tranquilidade; depois, por o seu autor, Camille Pissarro, ser um descendente da comunidade sefardita de ascendência portuguesa oriunda da Ilha de St. Thomas, no mar das Caraíbas. Ao fixar-se em Paris e ter aderido ao movimento anarquista, a sua obra ficou marcada por alguns factos que merecem destaque no contexto daquilo que este livro não deixa de fazer refletir, ou seja, a intolerância ao que é diferente e à violência inerente ao fenómeno da guerra. Assim, realçaria ainda: Uma parte importante da sua obra foi destruída durante a Guerra Franco-Prussiana; Napoleão III decidiu mandar expor as suas obras (a par das de outros, como Courbet, Manet, Cézanne, Whistler, Sisley, Renoir, que hoje tanto admiramos) num pavilhão a que deu o nome de “Os recusados”; por fim, já depois de falecido, os colecionadores que possuíam as suas obras foram ainda perseguidos pelo regime Nazi, dado que o seu autor era descendente de judeus e a sua arte era apelidada por esse hediondo regime político sob a denominação de “degenerada”. Mal ele podia imaginar que a cidade onde se situa o Boulevard de Montmartre, Paris, ali retratado de forma sublime, viria a ser ocupada pelas forças de Hitler, como o fora antes pelas da Prússia, e a sua obra sujeita de novo a uma obscena segregação.



Vigilância Noturna, 1945, Franklin Boggs

Sala Operatória do Hospital, 1944, Bernard Perlin

A RELAÇÃO MÉDICO- DOENTE E O ATO MÉDICO NA HISTÓRIA DA MEDICINA ATRAVÉS DA PINTURA E DE ALGUNS QUADROS E DE CITAÇÕES COMENTADAS E ILUSTRADAS



O Médico, 1916, Christopher Nevinson

Comboio a Evacuar Feridos de Guerra, 1941, Evelyn Dunbar

Contextualização

*Onde quer que a arte da medicina seja amada
haverá também amor pela humanidade*

PLATÃO
Filósofo grego, 428 a.C. – 348 a.C.

Um médico não é senão um consolo da alma

LUIS ZUECO
Historiador e escritor espanhol, n. 1979

*A essência da medicina nunca esteve nas mãos que curam,
mas no coração que cuida*

CELMO PORTO
Médico brasileiro, n. 1934

Como expliquei anteriormente, este capítulo representa o trabalho que propus que fosse incluído no livro *A relação médico-doente: um contributo da Ordem dos Médicos*, mas que, por questões logísticas, foi-o apenas parcialmente. Convém, pois, deixar registado os antecedentes que lhe deram origem. Eu havia publicado um artigo na revista “Medicina e Saúde” da Universidade de Brasília a convite do Professor Doutor Vitor Laerte, seu responsável editorial, a que dei o título de “Um gesto, um ato, uma atitude, uma relação e uma candidatura como fundamentos de uma profissão”. Tinha sabido, pouco tempo antes, do envolvimento da Ordem dos Médicos de Portugal no projeto internacional de candidatura da “Relação Médico-Doente” a Património Imaterial da Humanidade à UNESCO, razão pelo que convidei o então Bastonário, colega Miguel Guimarães, a escrever um texto alusivo para servir de editorial no mesmo número da referida publicação, repto a que o mesmo acedeu. No decurso dessa interligação surgiu a ideia de corporizar esse envolvimento do nosso País, fazendo um livro, à semelhança do que havia sido feito pelos colegas espanhóis, embora necessariamente com um cunho diferente, transmitindo uma visão complementar da que aí ficou exposta.

A ideia ganhou corpo e, com muitas peripécias e vicissitudes pelo meio, como sempre acontece, lá se veio a concretizar, tendo sido nomeada uma Comissão Editorial que veio a ser coordenada por mim. Tal como neste livro e em todos os outros que já publiquei ou que fui editor-coordenador, sempre dei muito valor ao aspeto estético dos mesmos, pelo que propus que fosse dada a hipótese de serem incluídas ilustrações que os autores dos textos pretendessem, desde que alusivas à temática abordada. Ao verificar que apenas três deles (Mário Carqueijeiro, Palma Carlos e António Roma Torres), para além de mim, o tinham feito, ofereci-me para ser eu a fazê-lo, no sentido de tornar mais homogêneo e apelativo o seu aspeto, enriquecendo assim muito o seu conteúdo.

O trágico e imprevisto desaparecimento do colega Palma Carlos, ocorrido pouco tempo depois de ter entregue o seu texto, convite que se deveu ao facto de ser um profundo apreciador e conhecedor da temática ópera, autor de diversos livros alusivos, como se pode depreender da leitura do texto que escreveu, fez com que o mesmo, infelizmente, não pudesse ter assistido à cerimónia de lançamento do livro, que decorreu no anfiteatro da Torre do Tombo, onde se fez a apresentação pela Companhia do Teatro Nacional S. Carlos de uma peça musical concebida propositadamente, composta por excertos de algumas das óperas onde a temática do livro é abordada, algo inédito e que ficou registada em DVD.

Não tive grande dificuldade nessa missão, dado que já tinha efetuado uma conferência a convite da Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos, de que sou sócio há anos, acerca do tema “Medicina e Pintura” (que tive igualmente a oportunidade de voltar a apresentar depois em outras ocasiões), e também uma outra acerca da temática do “Ato Médico e a Relação Médico-Doente” a convite da mesma sociedade, aquando da apresentação do meu primeiro livro, intitulado *Ode ou Requiem*.

Contudo, aquilo que concebi, tornaria o livro muito mais dispendioso (dada a necessidade de pagar mais direitos de autor) e bastante mais extenso do que as cerca de 750 páginas com que ficou depois do complexo processo de composição e de revisão, principais razões pelas quais acabou por ser somente publicado uma parte do que havia inicialmente imaginado. Devo enfatizar que o encadeamento das figuras e os títulos dos diversos capítulos são aqui escrupulosamente respeitados em relação ao que foi publicado, já que “apenas” a quantidade de figuras e os comentários adjacentes foram acrescentados desta vez, omitindo necessariamente os textos produzidos por cada um dos autores convidados e as figuras por si propostas, apenas com a exceção das seleccionadas pelo colega Mário Carqueijeiro, dado que resultaram da uma coletânea da autoria dos seus próprios doentes.

A estrutura do livro foi pensada para contar com a colaboração de um leque muito vasto de autores (quase todos médicos, incluindo-se ainda um historiador, uma jurista e dois cidadãos enquanto personificação do “doente”), de modo a assegurar uma representatividade da grande maioria das especialidades, por se pretender que viesse a ser suscetível de ser assumido pela totalidade da classe em si mesma, dada a iminente transversalidade do tema e dos diferentes cambiantes em que o ato médico e a relação médico-doente se podem vir a materializar. Os textos deveriam ter por base três pilares fundamentais: A ética e a deontologia; a história da Medicina e a filosofia médica, sobretudo no capítulo dos “Fundamentos”. Já no dos “Contextos”, considerei ser prioritário transmitir a ideia de que a Medicina é algo que envolve situações clínicas e pessoas concretas, não podendo, pois, estar divorciada delas.

Os do primeiro grupo deveriam ser eminentemente de índole doutrinal, expondo de forma muito clara aquilo que são os princípios em que se deve basear a atividade médica segundo os referidos pilares estruturantes, não deixando igualmente de poder incluir também uma reflexão acerca da própria experiência de cada autor. Os textos do segundo grupo deveriam fazer precisamente o inverso, partindo, pois, dos aspetos que resultassem de factos reais da vivência de cada um dos autores, para uma consequente reflexão acerca dos mesmos fundamentos.

Considerei ser primordial que se destacasse a decisiva importância do papel que a comunicação (oral, escrita e não verbal) entre o médico e o seu doente tem na atividade clínica e no relacionamento entre eles, o que se poderá repercutir depois no próprio prognóstico da evolução das mais diversas doenças. Embora se pretendesse neste capítulo uma reflexão a partir de um ou mais casos clínicos verídicos da experiência individual de cada um, o ponto de partida deveria ser o da identificação de condicionantes de saúde ou de sintomatologia que fosse referida pelo doente como sendo a mais limitativa da sua própria noção de bem-estar (ex.: disfagia, dispneia, dor, etc.).

No início e no fim do livro existiram ainda dois outros conjuntos de textos. No primeiro caso, para fazer a contextualização genérica da temática, onde se incluem autores “institucionais” (ex.: Bastonário e ex-Bastonários). No segundo, o do editor e outros três, dois deles por eminentes colegas e um de um cidadão, companheiro de uma doente com uma história dramática de vida, falecida pouco tempo antes, que fizeram como que a síntese possível da mensagem.

Embora nem todos os textos tivessem obedecido ao figurino pré-estabelecido e comunicado por diversas formas ao longo de cerca de meio ano, incluindo também durante uma videoconferência que organizei propositadamente no início e a distribuição desse documento a todos os autores por *email*, alguns não o

fizeram a contendo. Contudo, nenhum acabou por ser rejeitado, por todos possuírem uma qualidade minimamente aceitável, embora também os houvesse de excelente nível, mas sobretudo porque todos os autores foram inexcedíveis na genuína entrega ao propósito de estarem a dar um contributo pessoal para uma obra coletiva cujo fim último abraçaram com devoção. O que era, sem dúvida, o mais importante.

Penso que atualmente o cerne da questão neste âmbito é que a vocação para a profissão médica e o seu exercício têm vindo a sofrer alterações substantivas que decorrem de realidades tão diversas quanto a vertiginosa evolução técnico-científica e a sua consequente integração na *práxis* médica, a celeridade na indexação dessa mesma inovação tecnológica e farmacológica na prática clínica, a consequente sustentabilidade financeira dos sistemas de saúde, a correta acessibilidade das populações à prestação de cuidados médicos em qualidade e tempo de atendimento adequados, a justa remuneração dos profissionais, etc., temas que abordei exaustivamente no meu último livro, intitulado *Sistema de Saúde: Ascensão, Apogeu e Queda*.

Por isso, torna-se fundamental revisitar anteriores publicações de autores consagrados para ilustrar melhor o que queremos expressar, sobretudo quando o que relatam exprime a crueza de uma experiência vivida pelo próprio. Assim, selecionei o que José Rodrigues Miguéis, um grande escritor português, deixou dito no seu magnífico livro *Um Homem que sorri à morte com meia cara* que li há uns tempos e que relata o percurso de uma grave doença que acometeu o próprio autor quando este esteve internado num hospital público em Nova Iorque, onde vivia nos finais da década de 50, cidade para onde se tinha exilado cerca de 15 anos antes devido a ter sido perseguido no seu País natal pelas suas opções políticas, tendo tal ocorrido numa altura em que a medicina estava ainda longe de poder propiciar aos doentes aquilo de que dispomos atualmente com relativa facilidade. Dizia aí, o mesmo, a dado passo:

“... Agarrei a ocasião pelos cabelos, e fi-lo com o gosto e a precisão próprios dum hipocondríaco! Estou, aliás, convencido de que a maior parte dos médicos o são, tal é a vocação que, para este género de estudos, essa «mania» incita e cultiva. As crises de medo e náusea, que os estudantes de medicina atravessam, são crises de hipocondria; de subjetivação de sintomas e síndromas; o horror do cadáver não é talvez senão a impersonação fantasiosa da morte; e o amor do diagnóstico é possivelmente apenas a extroversão duma inquietação pessoal. Quantos médicos espiam com terror os seus próprios sinais, ou acorrem a um colega de confiança para se libertarem dum pavor, ou experimentam a maioria dos remédios e drogas que nos receitam? Os médicos são homens, e neste ponto de vista,

porventura, muito mais torturados de angústia do que o comum dos mortais, seus pacientes... Os erros são de todos nós, os humanos, e não seria de esperar que deles estivessem isentos os homens da bata branca... Pode-se dizer dos médicos o mesmo que das mulheres e dos judeus: privados, eles e elas, de epigramas e ataques, a humanidade não saberia nem poderia viver sem a sua presença... pois o clínico é homem e o seu poder limitado. Quanto não exigimos dele, quanta responsabilidade não lhe atribuímos, tudo esperando da ciência a cura de males não poucas vezes imaginários... Na morte, como na vida, o que dói sobretudo e humilha é a rebelião inútil. A aceitação do inelutável é, ao contrário, pacificadora. Se, por um lado, nos obceca o anseio de perdurar, pelo outro deve apaziguar-nos a ideia de que cada um de nós trouxe consigo, ao nascer, uma promessa e parcela de perpetuidade: é um elo na cadeia ou continuidade biológica da espécie, que vem do fundo aquático dos tempos, das amibas e das algas, e se encaminha obstinadamente para o futuro. A vida, como centelha inextinguível, salta de vaso em vaso, de ser em ser, para que essa cadeia prodigiosa não se interrompa. A vida não é um privilégio pessoal; é alguma coisa que nos ultrapassa como indivíduos, que pertence à natureza, à história e à sociedade. É dos homens como «todo», no tempo e no espaço, que se faz a verdadeira eternidade. E é só entre eles, na sociedade, na consciência e na ação, que somos e nos sentimos reais... Sob o signo da esperança, toda a dor se torna um mito”.

Este excerto define de uma forma insuperável o que é sabermos colocar-nos na posição do outro, de forma a melhor nos compreendermos mutuamente. O que acarreta a necessidade de termos sempre presente a correta noção que, neste binómio médico-doente, caberá sempre ao primeiro a responsabilidade inalienável de saber diagnosticar e tratar, curando umas vezes, paleando outras, mas acompanhando e cuidando sempre e nunca abandonando o doente à sua “sorte”, porque este é, sem dúvida, o elo mais frágil e carente da parilha. O que exige uma genuína vocação para o levar a cabo. Mas, também, que a infalibilidade que é cada vez mais exigida quanto aos resultados e a antecipação absoluta do consequente prognóstico, nunca poderão ser calculados com uma absoluta certeza, porque a prática da medicina comporta sempre a possibilidade do imponderável poder acontecer, dado esta ser uma atividade humana, tal como as restantes e isso é-lhe intrinsecamente inerente.

O que exige uma compreensão mútua, condição que se deve alicerçar na responsabilidade e na confiança entre os dois protagonistas desta relação que tem de estar sempre imbuída de humanização e de empatia para se realizar a contento de ambos. No passado, tal como no presente e no futuro. Sempre. Porque os cenários,

o tempo, e os meios vão mudando, mas os princípios da ética profissional, não. Nunca.

Por tudo isto, não acho que o projeto de candidatura à UNESCO deva ser liminarmente abandonado, representando aquilo que aqui publico uma nova tentativa de sensibilizar para que não se desista de o concretizar, por todas as razões de princípio, mas também como forma de deixar registada a gratidão devida a quem financiou este livro: a própria Ordem dos Médicos nacional, algumas das Sociedades Médicas e a Fundação Calouste Gulbenkian. Neste sentido, decidi ainda complementar este capítulo com alguns textos que tenho episodicamente colocado no meu *site josepocas.com*, porque abordam aspetos conexos através de uma metodologia semelhante.

O Começo da Vida, 1903, Frantisek Kupca



As três Idades da Mulher, 1905, Gustav Klimt



Resignação, 1895, Carl Wilhelmson

As ilustrações pensadas para o livro “A relação médico-doente: um contributo da Ordem dos Médicos”

Os Cuidados aos Soldados Feridos na Real Enfermaria de Cardiff, 1916, Margaret Williams

A Cruz Vermelha nas Trincheiras da I Guerra Mundial, 1915, Cyrius Cuneo



Bello de Moraes, Moreira Júnior, Carlos Tavares, Alfredo da Costa, Custódio Cabeça e Bettencourt Raposo

A SUGESTÃO DE CAPA

Os docentes da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, 1906, Columbano Bordalo Pinheiro



A ideia de ter pretendido propor estas figuras para a capa prendia-se com a vontade de dar o devido destaque à importância das grandes personagens da Medicina Portuguesa que marcaram a transição do século XIX para o seguinte. Os quadros foram pintados por um dos grandes génios da pintura nacional dessa época, tendo a obra sido concebida para a inauguração do edifício da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, então situada no Campo Mártires da Pátria, onde depois foi instalada a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, onde estudei e me licenci. Os quadros estão hoje na Faculdade de Medicina da mesma cidade, que partilha instalações com o Hospital de Santa Maria.

↑ Miguel Bombarda, Silva Amado, Curry Cabral, Bettencourt Pitta e J. Ferraz de Macedo

→ Eduardo Mota, Carlos May Figueira, Sabino Coelho, Ricardo Jorge e Francisco de Oliveira Feijão

→ Augusto Vasconcelos, Salazar de Sousa, José Gentil e Francisco Gentil



A SUGESTÃO DE CONTRACAPA

A Medicina Portuguesa, 1906,
Veloso Salgado

A ideia de ter concebido esta proposta para a contracapa tinha o mesmo objetivo da que fiz para a capa. O quadro é da autoria de outro dos grandes pintores da mesma época dos anteriores, encontrando-se ainda no edifício para o qual foi concebido, ou seja, na mesma faculdade que frequentei cerca de três quartos de século depois de ter sido pintado. Retrata um conjunto de médicos dos mais notáveis que existiram ao longo da história de Portugal, com destaque para alguns que foram vítimas da inquisição a partir do século XVI e que fizeram parte da excelsa geração da diáspora sefardita que tanta importância teve por esse Mundo fora, em particular na Europa.

Entre outros personagens, estão representados Garcia de Orta, Amato Lusitano Zacuto Lusitano, Ambrósio, António Nunes, Ribeiro Sanches, Manuel Constâncio, José Lourenço da Luz Gomes, António Bernardino de Almeida, José Tomás de Sousa Martins, Luís da Câmara Pestana e Manuel Bento de Sousa



O Preço, 1944, Tom Lea

*Os sobreviventes de Hiroshima
no Peace Memorial Museum,
2005, Kichisuke Yoshimura*



7	Agradecimentos	218	Quanto à Estruturação Geral da Disciplina
9	Dedicatórias	222	Acerca da Infeciologia nos Hospitais do Distrito de Setúbal
15	Prefácio ANA RIAS	224	Proposta Curricular
21	Preâmbulo: O que é este livro	228	Temas de Infeciologia a serem abordados em Aulas Teóricas de Outras Disciplinas
26	A RELAÇÃO MÉDICO-DOENTE E O ATO MÉDICO NA HISTÓRIA DA MEDICINA ATRAVÉS DA PINTURA E DE ALGUNS QUADROS E DE CITAÇÕES COMENTADAS E ILUSTRADAS	236	Uma experiência de vida, um legado e um desafio
29	Contextualização	246	Um desafio à edibilidade e aos munícipes sadinos: Colocar Setúbal na Rota do Turismo Cultural e Candidatar a Cidade a Capital Portuguesa da Cultura
37	As ilustrações pensadas para o livro “A relação médico-doente: um contributo da Ordem dos Médicos”	252	Museu “As pestes e intolerância religiosa no contexto da Idade Média”
194	Citações e Quadros Comentados (josepocas.com)	252	Justificação
206	PROJETOS	258	Museu dos Tratados Ibéricos
209	Contextualização	258	Justificação
216	Proposta de Programa Curricular para a Disciplina de Infeciologia, Curso de Medicina do Instituto Superior de Ciências da Saúde - Sul	261	Museu – A pintura naturalista e as questões ambientais (Uma homenagem ao pintor João Vaz)
216	Introdução: da Infeciologia	261	Justificação
218	Quanto à Estruturação Geral do Curso		

265	Um desafio à edibilidade e aos munícipes do Barreiro: Fazer de Coína uma Vila Museu	335	Uma Visão do Livro e da Arte da Prática Médica, Inspirada em Algumas Viagens e em Citações que me Levaram a Refletir
272	Museu da Relação Portugal-Japão	349	Reflexões acerca da lógica subjacente à opção pelo designado “Superior Interesse”
272	Justificação		
278	INQUIETAÇÕES		
281	Contextualização	349	Introdução
290	O retorno à política do Faroeste ou como dos fracos não reza a história	351	A Política Nacional
291	Introdução	356	A Política Internacional
292	O grande problema atual na sua essência	364	A Saúde
295	Conclusões	367	Os incontornáveis dilemas que importa ter em conta no presente
300	Uma mera questão de respeito e de confiança: Lições da vida pessoal e da vida profissional em tempos incertos e conturbados no Mundo em que vivemos	369	Conclusões
		371	Últimas palavras em estilo de gratidão para memória futura
		377	Reflexões sobre o Morrer
		398	Epílogo: O Sentido do Viver
		441	Posfácio VALENTE FERNANDES
301	Introdução		
302	Uma história pessoal		
309	Uma história profissional		
318	Conclusões		
327	AFETOS		
329	Contextualização		



Boulevard Montmartre, 1897, Camille Pissarro